

AS COMPANHAS DA XÁVEGA

A arte de xávega é, desde tempos muito remotos já citada em diversas partes do mediterrâneo como um dos principais métodos para a captura de espécies, como a sardinha. Já no Séc. XV o Infante D. Henrique cobrava tributo sobre as «enxávegas» que vinham de Castela. A Catalunha teria sido, na parte espanhola, mediterrânica, a região onde aquela arte se desenvolveu mais intensamente, tendo ali, a designação de «XABEGA», com acentuação no E. Esta designação é ainda hoje corrente nos pescadores antigos quando nos chamam a atenção de que não é «xávega», mas sim «chabéga» que se deve pronunciar. Fácil perceber quem adulterou o B para V, tão comum é esse facto nas gentes d'Ílhavo.

Terão sido, pois, os Catalães, a introduzir na Galiza as novas artes de pesca, as quais foram trazidas para o litoral norte português, logo de seguida.

A Arte de Xávega, também designada por NOVA ARTE de pesca, teria tido o seu início na costa portuguesa, em meados do Séc. XVIII (1751) : a maneira como se praticou levou muitas vezes a alterar a sua original designação de arte do arrasto, apelidando-a de “VARREDOURA”.

Saber exactamente em que ponto da costa portuguesa - se no norte, ou no sul - a mesma se teria iniciado, tem gerado alguma controvérsia.

Não reputamos o facto de fundamental.

Mas se a nossa conterrânea Ana Maria Lopes no «Vocabulo Marítimo Português» “chega a sugerir ter esta arte começado em Sesimbra”, outras opiniões contrariam essa hipótese, pois, António Correia em “Acção dos Pescadores de Ílhavo na Costa da Caparica” (em 1873 a Caparica tinha NOVE artes em actividade) e Maria Alfreda Cruz na “Pesca e Pescadores de Sesimbra”, clarificam que as “técnicas de pesca da sardinha foram transpostas para aquelas zonas pelos pescadores de Ílhavo”, como referimos anteriormente, o que se teria verificado cerca de 1770.

Não podemos contudo alhearmo-nos do que vem expresso no (doc.63) onde se refere já em 1443, a palavra «enxauegua», o que parece indiciar que, afinal, um tipo de arte muito parecida com aquela há muito se praticava por estes lados.

Após transposição desta técnica de pesca que oriunda da Catalunha foi trazida para a Galiza no período de Filipe II, dada a abundância de sardinha verificada naquele século, na zona noroeste de Espanha, teria a mesma vindo para a região de Aveiro como consequência da intensa ligação e das visitas regulares dos galegos que frequentavam com assiduidade o porto de Aveiro (e vice-versa) para carga e descarga de peixe, sal, e outras mercadorias.

Na zona do litoral português viria a colocar-se um novo desafio : se as quantidades pescadas eram exuberantes, o conhecimento da salga não permitia fazer um aproveitamento racional do pescado ; grande parte dele perdia-se por incapacidade de o manter em condições satisfatórias de utilização. Assim, para o desenvolvimento desta arte seria de grande importância a vinda para a região de um tal francês, oriundo de Languedoc, de seu nome João Pedro Mijouille, que em 1773 acompanhado de um grupo

de catalães chegou a Ovar para aí implantar a técnica de salga da sardinha ; prático, conhecedor de uma técnica apurada que permitia conservar os excedentes capturados por períodos longos de semanas, e até, meses, Mijoulle virá a ser nomeado Vice Cônsul Francês no porto de Aveiro, chegando a ser «recomendado» pelo Poder Central junto da Vereação de Aveiro, sendo louvado por Pina Manique que afirma recomendar o francês pela “pronta extracção das pescarias que muitas vezes se perdia pelas praias por falta de compradores”. D. José vai mesmo proibir a importação de sardinha vinda da Galiza, pois que a apanhada e conservada na nossa costa, é já suficiente para a procura.

Mijoulle acaba, ainda que contrariado, - e diz-se que por artes de espionagem - por transmitir «o segredo» da salga da sardinha : depois de esventrada, cortada a cabeça, é metida em tinhas ou *dornas* com água e sal suficientes para que se produza uma sal moira para, seguidamente, ser prensada, metida em barricas para venda, acondicionadas para serem transportadas a longas distâncias. Da sal moira extraía-se um óleo (o SIL) usado para iluminação, e que, misturado no «zarcão» produzia uma óptima tinta para pintura dos palheiros conferindo-lhe o tom ocre que perdurou até ao Séc. XX. As tripas, juntamente com as cabeças e o caranguejo pilado iam para escasso, para estrumar os terrenos.

Ora muitos autores pretendem fazer coincidir com a data da chegada deste francês e dos catalães que o acompanharam, o inicio desta arte de pesca de arrasto, na costa. Mas contra esta hipótese, a referência nos livros de notariado de Aveiro de onde se pode inferir, sem margem para qualquer dúvida, que em 1751, 1764 e 1765 haveria já diversas companhias a pescar na costa (em S.Jacinto), é elucidativa de todo.

A companhia , a pescar em 1766 no referido local, tinha como arrais José Simões Estriga de Ílhavo (e em 1774 é citado, ainda este e Manuel da Cruz Patacão, como arrais das companhias de Ílhavo a pescar em S.Jacinto).

Do acima referido pode-se concluir que a pesca da Xávega na zona é anterior a 1751 - pelo menos - e que, portanto, esta costa entre Ovar e S. Jacinto teria sido, provavelmente, a primeira a fazê-la.

Em 1774 é referida a contratação de um arrais de Ílhavo para o Algarve, negociação que envolveu a deslocação da sua companhia para aquela região do país.

Mas o que é a Arte Nova (ou Arte Grande)?

A Arte Nova ou Xávega, é uma técnica de arrasto onde se pratica o «cerco» ao peixe com uma rede que varre o fundo arenoso, estendida no mar por uma embarcação (o meia Lua) a distâncias variáveis entre uma a três milhas, rede que fica ligada a terra pelos cabos do reçoieiro (e da mão da barca), fixados aos calões, constituída por um saco, a “bocada”, ligado pelas “mangas” (tralhas) fixadas nos “calões” anteriormente referidos.

A Xávega é sem dúvida uma evolução do chincorro, uma rede que trabalhava do mesmo modo - varrendo o fundo - mas de muito menor dimensão.

Para uma comparação das dimensões destas redes atentemos no quadro abaixo :

Estrutura das redes de arrasto ou “varredouras”

Tipos

	Mangas (metros)	Saco(metros)	Nº Homens
Mugeiras	40	8	15 a 20
Tarrafas	35	6	15 a 20
Chinchorros	30	4 a 5	3 a 4
Chinchas	12	3	3 a 4

O saco da xávega de secção trapezoidal, para além de usar uma malha muito apertada nas mangas, que iam do *claro(a)* à *alcalena*, podia mesmo ser cego no seu final, tendo dimensões aproximadas de:

Saco	70 metros de circunferência 40 metros de profundidade 8 metros de largura no fundo “coada”
Mangas	230 metros de comprimento 20 a 25 metros de largura

APARELHO DA XÁVEGA

A flutuação para a abertura do saco era dada pela *cortiçada*, fixada na tralha superior (*corche*), enquanto na parte inferior, no *prume(o)*, funcionando como peso para a arrastar pelo fundo, (a profundidade de trabalho era de cerca de seis braças, em fundo liso de areia) eram usadas as *pandas* ; «malhas» de barro com cerca de oito centímetros de diâmetro, tendo dois furos para fixação à rede, que, mais tarde, foram substituídas por chumbadas.

No barco de quatro remos (o usual a partir de meados do Séc. XIX e até ao Séc. XX) embarcavam 42/46 homens. Em terra ficaria mais gente, chegando a perfazer um total de duas centenas, quando não, mais...

ARTE XÁVEGA – Embarcação de 4 REMOS

Estes barcos que tinham uma duração limitada a três anos de trabalho (salvo o fundo, que dado o desgaste era substituído com mais frequência) e custariam em 1890 ,112\$500 reis, mais os remos 18\$000 reis, e fateixa 9\$000 reis, eram normalmente construídos na zona de Ovar e, mais tarde, em Mira, Gafanha, e até, em Ílhavo.

Inicialmente, (pelo menos até ao ano de 1887) a rede das companhias era puxada, prendendo o reçoieiro (cabo da rede que fica em terra até o meia lua varar na praia e entregar o cabo do braço da barca) à cinta, sendo alada pelos tarefeiros que ganhavam em proporção à captura.

A partir daquela data nas companhias de S. Jacinto foram introduzidas as juntas de bois, sendo cada rede puxada por 24 juntas de animais.

As companhias, que no início eram do tipo agregado rudimentar com um número elevado de sócios - no registo de 1837 esse facto é patente, pois são designados todos os componentes da companhia - os quais eram donos em comum de todo o material, entrando cada sócio com o seu quinhão, na maior parte das vezes recorrendo a usurários para perfazer o capital necessário para a safra. Reuniam no fim da safra anual, ao ar livre, onde se distribuía em profusão «canadas» de vinho, enquanto se iam ouvindo «os mais capazes» da administração (composta por um arrais, um procurador e um escrivão) relatar «o rol» das contas que - diga-se em abono da verdade - não teriam qualquer tipo de controle ; se boas, bebia-se bem e era uma festa de arromba ; mas se a companhia era frouxa, ou se por «despesismo» dos que a geriam - o que era frequente - as coisas davam para ficar endividados, era uma algazarra tremenda, tendo em vista que “quem gritasse mais alto”, era quem ganhava o direito a “mudar ou manter a «mesa»” para a safra seguinte. Se a mesa (administração) era posta na rua não havia registo, acta ou outra que certificasse a decisão ; tomada ali, na hora, pragmaticamente, os vencedores assumiam de imediato os seus lugares, e os vencidos saíam. De registar que em qualquer circunstancia, as contas eram sempre aprovadas, “houvesse a tramóia que houvesse”.

Estas más gerências foram a razão do desaparecimento de muitas companhias ; a incúria, os gastos extravagantes, a diminuição das capturas, tudo concorreria para uma descapitalização das mesmas, levando à inevitável falência destas sociedades simples, e consequentemente, à execução dos bens das mesmas.

Senos da Fonseca